

1º OCUPANTE

João OTÁVIO LOBO. — Ver CADEIRA Nº 4.

OCUPANTE ATUAL

ANTÔNIO GIRÃO BARROSO. Poeta modernista. Filho de Teodorico da Costa Barroso e Maria Machado Girão Barroso. Em 6 de junho de 1914, nasceu no Brejo Seco, Município de Araripe. Em 1925, mudou-se para Fortaleza. Estudou no Liceu e diplomou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará. Turma de 1944. É, também, diplomado como Perito Contador (1937). Forte espírito de iniciativa e de inovação tem-no levado a fundar jornais e revistas e a tomar parte saliente nos movimentos intelectuais e artísticos da mocidade conterrânea. Integrou o Grupo Clã. É jornalista militante, trabalhando há muitos anos para os Diários Associados. Professor de História Econômica Geral e do Brasil da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará e professor de Economia Política da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Transferiu-se para Brasília, onde exerceu as suas atividades jornalísticas e intelectuais. Publicou: *Alguns Poemas*, 1938; *Os Hóspedes* (de parceria), 1946; *Novos Poemas*, 1950 e *30 Poemas Para Ajudar* (de parceria), 1968. Mozart Soriano Aderaldo, apreciando este último livro, escreveu: "A parte da responsabilidade de Antônio Girão Barroso, Poeta e Professor de Poesia, representa mais uma faceta de sua poliédrica personalidade artística, sempre atenta aos problemas estéticos."

19

PATRONO

JOSÉ de Abreu ALBANO. Nasceu em Fortaleza, no dia 12 de abril de 1882, e faleceu, em Paris, a 11 de julho de 1923. Repousam seus restos mortais em modesto lugar no cemitério

de Montauban. Seus genitores foram José Albano Filho e Maria de Abreu Albano. Neto dos barões de Aratanha. Foi poeta (“poeta fui”...), professor e diplomata. Estudou no Seminário de Fortaleza (1892-1893), porém, não se lhe despertando a vocação para as ordens eclesiásticas, foi mandado pelo pai a estudar na Europa. Coursou o Stonyhurst College dos Jesuítas, em Blackburn-Inglaterra; o Colégio Stella Matutina, em Feldkirch-Áustria; e o Colégio dos Irmãos da Doutrina Cristã, em Dreux-França (1893-1898). Voltou ao Ceará e matriculou-se no Liceu, onde fez os preparatórios, e onde, pouco depois (1904), ensinaria Latim. Mudou-se, em seguida, para o Rio de Janeiro, passando a trabalhar no Ministério das Relações Exteriores, até ser mandado para Londres, indo servir no consulado brasileiro (1908-1912). Por um ano inteiro foi peregrino das civilizações mais velhas e visitou Portugal, Espanha, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Hungria, Suíça, Itália, Romênia, Grécia, Turquia, Egito e Palestina. Vernaculista. prezava intransigentemente a pureza do idioma; poliglota, falava corretamente o Francês, o Inglês, o Alemão, o Italiano e o Espanhol, conhecia o Holandês, o Provençal, o Catalão, o Galego e era profundamente versado no Latim e no Grego. De modo geral, a linguagem dos seus versos é arcaizante, à moda dos quinhentistas portugueses. Redigiu poesia, igualmente, em Inglês, Alemão e Francês. “Era um gênio atribulado pela obsessão do perfeito.” Filosoficamente, havia nele um parentesco longínquo, talvez inconsciente, com o gênio kierkegaardiano: o seu desespero traía-se nessa falsa despreocupação boêmia, nessa falsa satisfação de viver que bem caracterizam as pessoas sem grande consciência do seu destino espiritual. Havia, nele, para melhor assinalar essa analogia, a crença de que a literatura exercitada com amor seria uma constante ameaça aos fundamentos da moral. Inquieto até o delírio, impeliam-no a vida sentimentos e paixões os mais desencontrados: poeta, apontava na arte atributos de corrupção; deísta e católico, era, ao mesmo tempo, um cético; místico, passava por crises de exaltação pagã, inspirando-se, muita vez, nos poetas renascentistas; misantropo, negando no homem qualidades de desinteressada dedicação, educou-se e viveu sempre em contato com as mais

requintadas civilizações européias; modesto de índole, era requintado no trajar, a tal ponto que Agripino Grieco escreveria ter sido o homem mais distinto e elegante de seu conhecimento. Escreveu sob o título geral de *Rimas de José Albano: Redondilhas, Alegoria, Canção a Camões, Ode à Língua Portuguesa, 1912, Sonnets by Joseph Albano with Portuguese Prose-Translation, 1918; Antologia Poética de José Albano, 1918; Comédia Angélica, 1918*. As obras completas, inclusive os 10 sonetos escolhidos pelo autor, foram reeditadas sob o título de *Rimas de José Albano - Pongetti* — Rio, 1948, com um prefácio de Manuel Bandeira. Com um título *Rimas*, saiu nova edição em 1966, promovida pela Universidade Federal do Ceará, com excelente Estudo Crítico de Braga Montenegro.

1º OCUPANTE

Antônio MARTINZ DE AGUIAR e Silva. Filho de José Martins de Aguiar e Silva e Josefina Lopes de Aguiar. Nascido em Caucaia, no dia 4 de março de 1893. Fez os estudos primários com a professora Antônia de Pontes Meneses, em Fortaleza. Coursou o Liceu do Ceará (1907) até o 4º ano, passando, então, a trabalhar no comércio e, depois, na redação do *Unitário*, o afamado jornal de João Brígido, sucessivamente como repórter, gerente e redator-secretário. Enquanto isso, estudou línguas com o seu irmão Dr. José Lopes de Aguiar, aprofundando-se no conhecimento do Português, do Latim, do Francês e do Espanhol. É considerado o maior dos nossos filólogos. Ensinou a língua vernácula no Liceu, tendo-se feito dele catedrático, nessa matéria, em 1925, mediante concurso. Foi professor de Português e Francês do extinto Colégio Militar do Ceará. Sobre o assunto de sua especialidade, é alentada a sua colaboração em jornais e revistas. A Universidade Federal do Ceará outorgou-lhe o título de Doutor *Honoris Causa*. Membro do Instituto do Ceará. Faleceu em 29-9-1974. Publicou: *Re-passe Crítico da Gramática Portuguesa* (tese de concurso); *Cirandas Infantis* (separata da Revista do Instituto do Ceará); *Notas e Lições de Português, 1942; Notas de Português de Filinto e Odorico, 1955*.